



ECOLOGIA E TEOLOGIA: REFLEX3ES PRELIMINARES A PARTIR DA TEOLOGIA DA CRIA33O

ECOLOGÍA Y TEOLOGÍA: REFLEXIONES PRELIMINARES DE LA TEOLOGÍA DE LA CREACI3N

Cristiano Nickel Jr.¹

Clayton Lima de Sousa²

RESUMO

Ecologia é o estudo da casa, do lugar onde se vive; é o estudo que se faz acerca das condiç3es e relaç3es que formam o habitat e de cada um dos seres da natureza que vivem nele. Atualmente, vivemos uma crise ecol3gica de grandes proporç3es a nív3l global. Mudar o comportamento é uma soluç3o? Consciência ecol3gica muda nossa cosmovis3o? Partimos do pressuposto que ecologia é uma quest3o primariamente teol3gica – precisamos transformar nossa cosmovis3o através de uma teologia da criaç3o que responda toda essa problemática ecol3gica. O presente estudo tem como objetivo compreender a restauraç3o do nosso relacionamento para com Deus, transformando nossa cosmovis3o através de uma compreens3o correta da teologia da criaç3o. Somente assim poderemos discutir e debater sobre mudanç3as comportamentais por meio de aç3es relacionadas à ética ambiental e sustentabilidade. Esta pesquisa se sistematiza com os seguintes t3picos: estudo da criaç3o em Gênesis em seu contexto histórico-cultural; aspectos da teologia da criaç3o: humanidade como imagem e semelhança de Deus, mordomia e mandato cultural, reflex3o sobre o dia do descanso e a criaç3o como miss3o de Deus. A terra e toda a sua plenitude é o palco da miss3o de Deus. Cabe a nós participarmos do grande drama da miss3o dele nesse palco. Esse palco é um ensaio para o grande dia que, de fato, toda a criaç3o será restaurada e redimida. Como estamos atuando nesse palco?

PALAVRAS-CHAVE: Criaç3o. Narrativa de Gênesis. Miss3o Integral. Ecologia.

¹ Especialista em Teologia Aplicada – Faculdade Fidelis. Docente da Faculdade Fidelis – cristiano.nickel@fidelis.edu.br.

² Mestre em Teologia – FABAPAR. Docente da Faculdade Fidelis – clayton.sousa@fidelis.edu.br.

RESUMEN

La ecología es el estudio de la casa, del lugar donde vivimos; es el estudio que se realiza sobre las condiciones y las relaciones que forman el hábitat y de cada uno de los seres de la naturaleza que viven en él. Actualmente, nosotros vivimos una crisis ecológica de grandes proporciones a nivel global. ¿Mudar el comportamiento es una solución? ¿Consciencia ecológica cambia nuestra cosmovisión? Asumimos que la ecología es un problema primeramente teológico – precisamos transformar nuestra cosmovisión mediante una teología de la creación que responda a todo este problema ecológico. El presente estudio tiene como objetivo comprender la restauración de nuestra relación con Dios, transformando nuestra cosmovisión mediante una comprensión correcta de la teología de la creación. Así, podremos discutir sobre los cambios de comportamiento a través de acciones relacionadas a la ética ambiental y sustentabilidad. Esta investigación académica está sistematizada con los siguientes temas: estudio de la creación en Génesis y su contexto histórico-cultural; aspectos de la teología de la creación: la humanidad como imagen y semejanza a Dios, mayordomía y mandato cultural, reflexión sobre el día del descanso y la creación como misión de Dios. La tierra y toda su plenitud es el palco de la misión de Dios. Depende de nosotros participar en el gran drama de su misión. Este escenario es un ensayo para el grande día que, de hecho, toda la creación sea restaurada y redimida. ¿Cómo estamos actuando en este palco?

PALABRAS CLAVE: Creación. Narrativa del Génesis. Misión Integral. Ecología.

INTRODUÇÃO

Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo (Rm 8.20-23³).

Ecologia. Esse termo é a junção de duas palavras gregas: *oikos*, que significa “casa” ou “habitação”, e *logos*, “estudo” ou “reflexão”. Ecologia é o estudo da casa, do lugar onde se vive; é o estudo que se faz acerca das condições e relações que formam o habitat e de cada um dos seres da natureza que vivem nele.

O Brasil é um país continental em sua diversidade cultural, étnica e ecológica. Nossa casa, no entanto, enfrenta grandes problemas. No ano de 2019 e início de 2020⁴, nosso país presenciou uma série de críticas internacionais e midiáticas sobre o desmatamento e as queimadas na floresta amazônica. Anterior a esse fato, no dia 25 de janeiro de 2019, vivemos

³ Todas as referências bíblicas deste texto, quando não especificado, foram extraídas da Bíblia Versão Almeida Revista e Atualizada (ARA).

⁴ É importante destacar que esse artigo foi elaborado antes da Pandemia do COVID-19.

uma das maiores catástrofes ambientais de nossa história, ocorrida na cidade de Brumadinho-MG, onde uma barragem de rejeitos de mineração se rompeu, matando mais de duzentas pessoas. Outras crises ocorrem em “nossa habitação”: falta de saneamento básico, grandes depósitos de lixo a céu aberto, desperdício de recursos hídricos e minerais, falta de área para plantio somado à degradação de grandes reservas ambientais etc.

A natureza, por sua vez, “responde” às ações dos seres humanos: aquecimento dos oceanos, chuva ácida, efeito estufa, estiagem, inundações, desertificação do solo, proliferação de doenças infectocontagiosas etc. Vivemos uma crise ecológica global. Diariamente os meios midiáticos apresentam uma nova notícia ou estatística sobre esse assunto. Infelizmente, ficamos acostumados com tudo isso. Não só nos acostumamos, mas nos tornamos apáticos: apáticos com a ecologia, apáticos com o próximo, apáticos com nós mesmos, apáticos com a vida!

Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6). Como cristãos, enfatizamos demasiadamente o caminho de Jesus de forma mecânica: Jesus é o caminho pelo viés denominacional, o caminho para a alma do pecador que foge do fogo do inferno, o caminho para se abster do mundo, o caminho para a prosperidade, o caminho para ter um bom emprego ou uma boa família. Também, de forma mecânica, enfatizamos o Jesus da verdade pelo viés dos credos, doutrinas, confissões de fé, do passo-a-passo para a salvação, nas palavras de um sacerdote etc. E a vida? Jesus é a vida plena! Vida eterna e de amor! Vida que se revela plenamente na sua criação.

A vida é algo que está sendo sufocada pela indiferença e pela apatia. Os temas como “ecologia” e “criação” são um claro exemplo dessa indiferença. Ecologia inclui relações recíprocas entre o homem e seu meio moral, social, econômico, especialmente sob a ótica do impacto que essas relações causam na sua inter-relação com os demais componentes do meio ambiente. A apatia, por sua vez, prejudica todas essas relações.

Meio ambiente, ecologia, ética ambiental e sustentabilidade não estão atrelados a uma questão de mudança de comportamento, mas uma mudança de relacionamento para com a criação de Deus ou com o próprio Deus. Ele criou o mundo em uma dinâmica de relacionamento de amor. Ele criou o homem à sua “imagem e semelhança” onde este desempenha a função de amá-lo demonstrando o amor pelo próximo e pela criação.

Partimos do pressuposto que ecologia é uma questão primariamente teológica – precisamos transformar nossa cosmovisão em uma cosmovisão cristã moldada pelas Escrituras. Precisamos desenvolver uma teologia da criação que responda toda essa problemática

ecológica. Essa transformação ocorre mediante o poder do Espírito Santo. Ele é o maior interessado sobre o destino de toda a criação. Ele desempenha a função de nos moldar, a fim de alcançarmos a maturidade em Jesus Cristo. Ser igual a Cristo implica primordialmente em ser humano. Cristo é o maior exemplo de humanidade. Quando nos assemelhamos a ele, propagamos a vida, a plena vida em todos os aspectos: vida nos relacionamentos, vida na criação, vida eterna com Deus. Dessa forma, podemos desenvolver uma transformação em nossa cosmovisão em relação à ecologia.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender a restauração do nosso relacionamento para com Deus, transformando nossa cosmovisão através de uma compreensão correta da teologia da criação. Somente assim poderemos discutir e debater sobre mudanças comportamentais por meio de ações relacionadas à ética ambiental e sustentabilidade.

Esta pesquisa se sistematiza com os seguintes tópicos: a narrativa de Gênesis no Antigo Oriente Próximo; aspectos elementares da teologia da criação: humanidade como imagem e semelhança de Deus e suas implicações na criação, mordomia e mandato cultural, reflexão sobre o dia do descanso, a criação como missão de Deus e a nossa missão e alguns apontamentos sobre o cuidado da criação e a missão cristã integral.

1. A NARRATIVA DE GÊNESIS NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

A análise histórico-cultural do contexto do Antigo Oriente Próximo⁵ revela algumas situações que nos ajudam a entender a cosmovisão da época sobre a criação para assim compreender a atual situação que vivemos (WALTON *et al.*, 2018, p. 33). Analisaremos, de forma introdutória, as diferenças e semelhanças de uma das literaturas babilônicas comparada com a narrativa da criação relata em Gênesis.

Mitos não são histórias fantasiosas ou fictícias. São histórias transcendentais que se creem verdadeiras, que trazem ordem, coerência e sentido para as experiências; são emoções e ideias aparentemente sem sentido concreto no mundo cotidiano, mas que apresentam às pessoas o que é real, eterno e duradouro (WALTON, 2018). É uma linguagem que permite a memória

⁵ “A região é pertinente a uma compreensão de geografia bíblica estende-se do oeste para leste aproximadamente duas mil milhas desde a costa do mar Egeu da Turquia até as montanhas Hindu Kush do Afeganistão. De norte a sul, uma distância quase semelhante estende-se desde os montes Cáucaso entre os mares Negro e Cáspio até a ponta sudoeste da península Arábica. Contudo, o antigo Oriente Próximo não se compunha de um vasto quadrado de terra não diferenciado. A massa de terras desta região era penetrada, cercada por todos os lados e cingida por cinco grandes aglomerações de água: os mares Vermelho, Mediterrâneo, Negro e Cáspio, e o golfo Pérsico. A região era muito diferenciada internamente por montanhas, planaltos, desertos e vales fluviais” (GOTTWALD, 1988, p. 144).

de uma comunidade que se mantém unida porque é uma comunidade de fé. Os mitos lidam com o que está na superfície do mundo concreto para compreender o que está acontecendo no cerne dele. Nesse sentido, os mitos dão um senso de significado das grandes narrativas que dão sentido à vida, explicando o passado, presente e futuro (HIEBERT, 2016, p. 33).

A maneira de explicar a criação do cosmo no mundo antigo, deve ser entendida pelo viés mitológico e não científico-mecanicista contemporâneo. A abordagem mitológica procura identificar as ações como consequência de um propósito (WALTON et. al., 2018, p. 33). Esse propósito, como o narrado em Gênesis, ajuda-nos a compreender algumas questões ético-teológicas quanto à criação, evitando assim algumas falácias atuais e as diversas aberrações hermenêuticas.

No mundo antigo, quando acontecia um fenômeno (raio, estiagem, alagamento, doença, sucesso ou fracasso na caça etc.), a explicação não era em função de como isso aconteceu, mas do porquê aconteceu, onde as divindades tinham intenções e objetivos e as suas atividades eram o resultado daquilo que a humanidade experimentava como causa e efeito (WALTON, *et al.*, 2018, p. 33).

Atualmente, a abordagem científica procura identificar as funções e questões naturais como o surgimento do cosmo, dinâmica do universo, funcionamento do ecossistema como causa e efeito, baseando-se em leis que estão ligadas a um funcionamento específico ou em um conjunto intrínseco e delineado. “Visto que nossa cosmovisão científica tem um grande interesse pelas estruturas, geralmente nos dirigimos ao relato bíblico procurando encontrar informações sobre as mesmas” (WALTON et al., 2018, p. 33). Para Oliveira (1994, p. 27-28), a narrativa de Gênesis utiliza uma linguagem peculiar onde é possível identificar três aspectos importantes:

- a) A linguagem não é exata e cartesiana, no sentido de não possuir o rigor que atualmente a ciência (natural e social) exige;
- b) É a linguagem de aparência, descrevendo as coisas na forma como um observador vê.
- c) Possui expressões culturais que devem ser compreendidos à luz do contexto histórico-cultural da época.

Deus usa elementos familiares e conhecidos para comunicar-se com o seu povo de acordo com a cosmovisão de épocas e períodos (WALTON *et al.*, 2018, p. 25). A mitologia serve como uma janela para compreender a cultura, refletindo a cosmovisão e os valores

forjados por ela. Muitos relatos encontrados no Antigo Testamento desempenharam na cultura israelita a mesma função exercida pela mitologia em outras culturas - forneceram um mecanismo literário de preservação e transmissão de sua cosmovisão, valores éticos e principalmente teológicos (WALTON *et al.*, 2018, p. 33). O relato de Gênesis não procura explicar sobre como Deus criou o mundo, mas a intenção original de Deus para a criação.

As diferenças entre a literatura do antigo Oriente Próximo e a narrativa de Gênesis nos ajudam a visualizar e analisar algumas características peculiares da cultura de Israel como a fé bíblica monoteísta e as consequências dessa fé para com a criação.

1.1 Contraste entre a narrativa da criação em Gênesis e a literatura do Antigo Oriente Próximo (Enuma Elish)

A criação não é uma divindade. Não há espaço para o politeísmo e adoração à natureza. Toda essa cosmovisão politeísta e animista dominava o contexto histórico-cultural e religioso dos povos circunvizinhos de Israel, no Antigo Oriente Próximo (McGRATH, 2005, p. 350). As realidades físicas, forças, fenômenos ou objetos não tinham uma relação com as divindades.

[...] as grandes realidades do mundo natural, fossem elas forças, fenômenos ou objetos, não tinham nenhuma existência inerentemente divina [...] qualquer poder que tivessem, por grande que fosse, era inteiramente obra de Javé e estava sobre seu comando. (WRIGHT, 2014, p. 416)

Um dos contrastes das diversas narrativas do Antigo Oriente Próximo⁶, é que a criação era um lugar de servidão e escravidão em que os deuses colocaram os homens para fazer o serviço “sujo” de lavrar a terra e viver numa servidão espiritual (WRIGHT, 2014, p. 416). O Antigo Testamento, no entanto, insiste no fato de que as forças do caos não devem ser vistas como divindades e que a criação não foi uma consequência da luta entre deuses que guerreiam pelo controle do universo. Deus exerce controle sobre o caos e a criação da ordem do universo (McGRATH, 2005, p. 350). Ao mesmo tempo, Deus “está também sobremaneira envolvido com a criação, [...] especialmente com as pessoas” (GRUDEM, 1999, p. 202-203).

⁶ Gottwald (1988, p. 55-56) apresenta uma tabela de textos antigos do Oriente Próximo relacionados com a Bíblia Hebraica. Diversos textos são de categorias linguística/cultural/política dos povos: acádio, assírio, cananeu/fenício, egípcio, hitita, moabita e sumeriano. Walton *et al* (2018), relaciona diversos textos do Antigo Oriente Próximo relacionados com os textos bíblicos do AT em seu “*Comentário histórico-cultural do Antigo Testamento*” (Edições Vida Nova: 2018).

A seguir, podemos perceber a comparação entre a narrativa da criação de Gênesis e a narrativa da criação acadiana, *Enuma Elish*:

Figura 1 – Comparação entre as narrativas da criação de Gênesis e Enuma Elish

NARRATIVA DE GÊNESIS	NARRATIVA DE ENUMA ELISH
Deus é visto como fonte suprema de poder; transcende a criação.	Fórmulas mágicas são a fonte suprema de poder; os deuses estão sujeitos à natureza.
Narrativa organizada da criação; inclui sistematicamente domínios gerais da natureza.	Não inclui criação da vegetação, animais ou luz, antes, a existência deles é assumida. Lua e estrelas são criadas, mas não o sol.
Propósito: louvor e reconhecimento de Deus como Senhor da Criação. Um tributo à soberania a autoridade de Deus.	Propósito: hino de louvor a Marduque como campeão e o mais poderoso dos deuses. A criação é incidental.
Começa antes das coisas conforme conhecemos (Gn 1.1); à medida que Deus criava, dava nomes. (Gn 1.5,8,10).	Começa antes do céu e da terra serem nomeados; não consegue conceber uma situação antes deles terem existido.
Começa com o abismo primevo (Gn 1.2).	Começa com o abismo: água doce (Apsu) e água salgada (Tiamat – correlato a <i>tehom</i>)
Há uma sequência temporal à Criação; delimitado em seções de dias. Gn 1.5, 8, 13, etc.	Não contém uma estrutura “cronológica” de dias.
Criação pela fala. (Gn 1.3, 6, 9, 11, 20)	Criação ocorre de matéria previamente existente.
Águas são separadas acima e abaixo do firmamento. (Gn 1.6-8)	Carcaça de Tiamat é dividida em dois e estabelecida com águas em cima e embaixo.
Ser humano criado para dominar a criação. (Gn 1.28)	Ser humano criado para fazer o trabalho dos deuses para que estes não se afadigassem.
Ser humano criado do solo.	Ser humano criado do sangue de um herói ferido (Kingu).

Fonte: Adaptado de Walton (2001, p. 81)

As preocupações do autor de Gênesis eram exclusivamente religiosas⁷. A intenção era de proclamar o conhecimento do Deus verdadeiro, como ele se manifestou em seus trabalhos criativos e corrigir a compreensão errônea sobre a humanidade, o mundo e a história, diante das falsas noções religiosas dominantes em todo o mundo de sua época (GOHEEN, 2017, p. 39-40).

⁷ John Stek afirma que “A intenção [...] de Moisés era proclamar o conhecimento do verdadeiro Deus, como ele revelou a si mesmo em suas obras de criação, proclamar um entendimento correto da humanidade, do mundo e da história que o conhecimento do verdadeiro Deus acarreta e proclamar a verdade a respeito dessas questões em face das noções de falsas religiões que eram predominantes em todo o mundo de sua época”. (STEK *apud* GOHEEN, 2017, p. 39-40)

Para McGRATH (2005, p. 350), o AT não mostra a natureza como uma divindade. Deus, em Gn 1—2⁸ é o criador de elementos como os corpos celestiais, que na antiguidade eram adorados como deuses (p.e. o sol e lua). Em Gênesis 1.16 percebemos que o autor se refere ao sol como “luniar maior” e lua para o “luniar menor”. No contexto do Antigo Oriente Próximo, o sol e a lua eram adorados como deuses. Se o autor de Gênesis se referisse apenas a sol e lua, os ouvintes da época entenderiam que Deus criou outros deuses – narrativa comum do pensamento religioso cananeu (GOHEEN, 2017, p. 38).

De maneira geral, podemos apontar que a narrativa de Gênesis, no contexto do Antigo Oriente Próximo, foi elaborada intencionalmente com o propósito de estabelecer algumas bases referente a Deus e sua criação em contraste as diversas narrativas babilônicas sobre a criação:

- a) Tudo foi criado por Deus, nada teve uma origem diferente ou foi criado pelo mal;
- b) Tudo teve princípio. A matéria não é auto existente;
- c) A obra de Deus é marcada pela ordem e pela harmonia;
- d) A criação possui extrema beleza, o que foi reconhecido por Deus;
- e) Deus criou tudo a partir do nada, por meio da sua palavra.;
- f) O homem não foi criado para ser escravo ou servo dos deuses. Ele foi criado como “imagem e semelhança” de Deus com a função de administrar e cuidar da criação. O homem é mordomo e não escravo.

1.2 Um pequeno excursão sobre os dias da criação

Diversas teorias⁹ foram elaboradas no decorrer do tempo sobre os sete dias da criação – teorias que se desenvolveram em meio a divergências e debates atravessando a história. Essas discussões estão mais próximas de serem uma aporia do que uma solução exata. Citamos algumas delas:

⁸ Renold Blank (2013, p. 224) defende que Gênesis 1 foi escrito posteriormente a Gênesis 2. “Devemos lembrar que os dois textos da criação de Gn 1,1-2a (texto de criação mais novo) e de 2,4b-3,24 (texto de criação mais antigo) surgiram independentemente um do outro no ambiente das religiões do Antigo Oriente e de seus mitos da criação. Mesmo assim, porém, eles diferem essencialmente da intenção e da afirmação desses mitos. O texto mais novo sobre a criação em Gn 1,1-2a formou-se na época do exílio babilônico e reflete claramente o contato com os mitos babilônicos de criação [...] À diferença dos mitos vétero-orientais das origens, [Gênesis] não oferece uma cosmogonia, e sim uma fenomenologia do cosmo desde a perspectiva da fé, portanto, não tem a função de explicar como as coisas chegaram a ser, mas deseja convidar para confiar, em meio às numerosas experiências de caos e vida ameaçada, em Deus como o fundamento primordial que oferece segurança [...]”.

⁹ Para aprofundamento do tema, a Associação de Brasileira de Cristãos na Ciência promove um amplo debate sobre a temática. Diversos artigos sobre a origem do universo constam no site: <www.cristaosnaciencia.org.br> (Acesso em: 27 jan. 2020). Essa associação publicou uma obra em parceria com a editora Thomas Nelson: “*A origem: quatro visões sobre criação, evolução e design inteligente*” (2019). Nessa obra constam as quatro principais teorias debatidas com seus respectivos autores: a) criacionismo da terra jovem; b) criacionismo (progressivo) da terra antiga; c) criação evolucionária; d) design inteligente.

- a) A teoria de “vinte e quatro horas” - Gênesis 1 como sequencial e literal, onde se sustenta a ideia de uma “terra jovem”;
- b) A teoria do “dia como período ou era” - criação se desenvolve através de seis eras;
- c) A “criação prévia”, sugere a existência de um mundo criado antes de Gênesis 1, onde a maior parte das eras científicas se relacionam com a criação anterior;
- d) A teoria das “duas fases” defende a ideia de entre Gênesis 1 e 2 há uma separação de um longo período de tempo (WALTON, 2001, p. 97).

Outra forma de interpretar os dias de Gênesis 1 vem ganhando significativo apoio entre os teólogos evangélicos e ortodoxos é a tese literária. Essa tese¹⁰ defende que os seis dias de Gênesis 1 não pretendem indicar uma sequência cronológica de acontecimentos, nada mais sendo que uma “estrutura” literária que o autor usa para nos relatar a ação criadora de Deus. A estrutura está construída com destreza, de modo que os primeiros três dias e os três dias restantes correspondam um ao outro. Na narrativa de Gênesis, pode-se observar que a “semana da criação” apresenta uma ordem simétrica. Há dois grupos de três dias com o mundo organizado em espaços (o primeiro de três dias) e os seus respectivos “habitantes” (três últimos dias).

Figura 2 – Dias da criação

Atos de Formação	Atos de Enchimento
Dia 1 (Gn 1.3-5): Luz/Trevas	Dia 4 (Gn 1.14-19): Sol, luas e estrelas (luzes do dia e da noite)
Dia 2 (Gn 1.6-8): Mar/téu	Dia 5 (Gn 1.20-23): Criaturas do mar e do céu.
Dia 3 Gn 1.9-13): Terra fértil/vegetal	Dia 6 (Gn 1.24-32): Criaturas da terra
Dia 7 (Gn 2.2-3): Deus descansa do trabalho	

Fonte: Elaboração própria e adaptado de GRUDEM, 1999, p.232; RAMACHANDRA, 2000, p. 82; FEE E STUART, 2013, p. 33

¹⁰ Alguns autores defendem amplamente a tese literária dos dias da criação: Ramachandra (2001, p. 82); Fee e Stuart (2013, p. 33) e Grudem (1999, p. 232). Outros, no entanto, como Zabatiero e Leonel (2011, p. 11 e 13) observam que “durante três séculos (XVIII-XX) [sic], o paradigma histórico, moderno, de interpretação da Bíblia foi dominante e soberano na pesquisa bíblica e nos estudos bíblicos [...]. Seja no lado da vertente histórico-crítica, seja no da histórico-gramatical, a leitura da Bíblia nesses trezentos anos ficou definida e marcada pela *história* e pela *filologia* como referencial teórico e hermenêutico. Nesse paradigma histórico, a aposta era a de encontrar [...] o sentido original do texto, de acordo com a intenção de seu autor e a interpretação por seus primeiros leitores [...] a paradigma histórico de interpretação da Bíblia apresenta sinais de esgotamento”. Zabatiero e Leonel, na obra *“Bíblia, literatura e linguagem”* (2011) aproximam correntes literárias e linguísticas para interpretar a Bíblia: crítica da forma, estudos semióticos de Antônio Gramsci e Umberto Eco e a crítica literária de Auerbach. Os autores propõem uma leitura em que não se leva em conta o contexto histórico-cultural e nem social, bem como não se leva em conta hermeneutas e exegetas históricos, propondo uma leitura que o leitor tem protagonismo crítico. “O leitor pode não compreender em profundidade como viveram seus autores e o contexto histórico; não obstante, possui o texto, fruto concreto do período, transmitindo através de processos retóricos de comunicação um conteúdo que pode ser lido e assimilado em qualquer época e lugar” (ZABATIERO E LEONEL, 2011, p. 13). Essa maneira “nova de interpretação”, oriunda da Teoria Crítica e dos estudos linguísticos de Saussure, Chomsky e a desconstrução de Derrida e Wittgenstein, permite que o leitor desenvolva uma hermenêutica livre e de acordo com sua própria cosmovisão (GOHEEN, 2016, p. 165-168) – tendência de relativizar a verdade e interpretar de qualquer forma qualquer texto (VANHOOZER, 2005).

O valor histórico de Gênesis tem sido amplamente confirmado pela quantidade enorme de evidências, dadas por mais de vinte mil textos escritos que sobreviveram da Babilônia, desde os dias de Abraão (RAMACHANDRA, 2000, p. 82). É importante notar que essa estrutura (formação/enchimento) demonstra que a criação de Deus não é um caos sem sentido, mas uma estrutura organizada. Para Ramachandra (2000, p. 82):

O uso dessa estrutura em seis partes para descrever acontecimentos épicos (escritos em seis tabuletas de barro, o material de escrita mais comum daquela época) era um estilo literário convencional na civilização babilônica-sumeriana da antiga Ásia ocidental. Sabemos também que era uma prática comum inserir um “colofão”, o equivalente antigo do título de uma página ou capítulo num livro moderno, na última coluna de cada tábua escrita. O refrão “houve tarde e manhã...” após cada ato de criação é um exemplo de tal colofão.

Vanhoozer (2005, n.p.) diz: “Esse conhecimento *sobre* o texto serve ao propósito da interpretação apenas quando nos coloca em uma melhor posição de conhecer *sobre o que é o texto*”. Conhecimento “sobre o texto” em desconsideração a “sobre o que é o texto) abasteceu grande parte do pensamento linguístico e filosófico desde o século XIX e tem apresentado diversos problemas hermenêuticos, levando a uma cosmovisão pós-moderna de desconstrução do autor e do leitor (VANHOOZER, 2005, n.p.). Autores como Walton (2018), Fee e Stuart (2013), Goheen (2016), Ramachandra (2000), entre outros, apresentam a questão principal em seus comentários: sobre o que é o texto. Essa última proposição permite ampliar a visão hermenêutica sobre textos como o de Gênesis 1.

2. ASPECTOS ELEMENTARES DA TEOLOGIA DA CRIAÇÃO

A partir do entendimento das narrativas da criação em Gênesis em seu contexto histórico-cultural, podemos apresentar alguns aspectos elementares da Teologia da Criação. Relacionaremos de que forma o Deus infinito e pessoal se relaciona com a sua criação e as implicações da humanidade ser “imagem e semelhança”. Faremos uma análise sobre a questão do dia do descanso e suas implicações na criação. Por fim, analisaremos as temáticas pecado e cultura e suas implicações na criação.

2.1 Deus infinito e pessoal e sua relação com a criação

A perspectiva cristã da natureza começa com o conceito de criação – Deus é antes do princípio e criou todas as coisas a partir do nada (*ex nihilo*). Deus como criador e como um ser racional, permitiu a humanidade ser capaz de decifrar a ordem do universo através da razão (SCHAEFFER, 1976, p. 51). Na concepção judaico-cristão, Deus é infinito e ao mesmo tempo pessoal. Ele criou todas as coisas, pois somente ele é o Criador e tudo mais é criado. Deus é independente, a criação é dependente (SCHAEFFER, 1976, p. 53).

Figura 3 - Deus pessoal e infinito e sua relação com a criação

DEUS PESSOAL	DEUS INFINITO
Homem	ABISMO
ABISMO	Homem
Animal	Animal
Planta	Planta
Máquina	Máquina

Fonte: Adaptado de SCHAEFFER, 1976, p. 54

O quadro acima ilustra que Deus é ao mesmo tempo infinito e pessoal.¹¹ Do lado da infinitude (lado direito do quadro) podemos observar que há um abismo entre Deus Infinito e todo o resto da criação finita; do lado da pessoalidade (esquerdo), não há um abismo entre Deus e o homem, porque Deus o criou como “imagem e semelhança” e se relaciona pessoalmente com ele (SCHAEFFER, 1976, p. 54).

A relação do homem é mais ascendente que descendente [...] o relacionamento do homem não se dirige basicamente para baixo, senão para cima. [...] o homem com um ser pessoal, está separado da natureza porque é feito à imagem de Deus, tem personalidade, é único na criação, porém está unido às demais criaturas como ser criado que é. O homem é feito à imagem de Deus, que é pessoal; portanto, seu relacionamento tem dupla direção: ascendente e descendente. (SCHAEFFER, 1976, p. 55)

¹¹ Segundo Grudem (1999, p. 115): “Deus é ao mesmo tempo infinito e pessoal: ele é infinito porque não está sujeito a nenhuma das limitações humanas da humanidade [...] da criação em geral. É bem maior do que qualquer coisa que tenha feito, bem maior do que qualquer coisa que exista. Mas é também pessoal: relaciona-se conosco como uma pessoa, e podemos nos relacionar com ele como pessoas”.

Ao considerarmos o lado da personalidade de Deus e do relacionamento para com o ser humano, o homem como “imagem e semelhança” tem como função desempenhar um cuidado de mordomia e responsabilidade para com as coisas criadas (SHAEFFER, 1976, p.55). Possuir uma visão ascendente significa que o homem, *a priori*, se relaciona com o Deus criador, e demonstra, *a posteriori*, um cuidado para com a natureza em atitude de mordomia e responsabilidade, não agindo em anarquia e egoísmo.

O abismo entre o homem e a natureza é pelo fato de que Deus se relaciona pessoalmente de amor com o homem e este, por sua vez, reflete o cuidado e mordomia para com as demais coisas criadas, fruto desse relacionamento (STOTT, 2011, p. 46). Quando desconsideramos o abismo entre o homem e as demais coisas criadas (lado esquerdo do quadro), o homem perde sua humanidade e sua tarefa relacional como “imagem e semelhança de Deus” – isso dá margem às cosmovisões deístas e naturalistas. Porém, quando desconsideramos o abismo entre Deus e a criação e – tendemos a nos relacionarmos de forma romantizada e “pessoal” com as árvores, com os locais sagrados ou com os animais – abordagem de cosmovisão panteísta e animista (STOTT, 2011, p. 45).

Para Grudem (1999, p. 204), panteísmo¹² é uma cosmovisão de que tudo ou todo o universo é Deus, ou está contido em Deus. O panteísmo, além de negar alguns atributos essenciais de Deus, como a imanência, aponta que se todo o universo é Deus, então Deus não tem personalidade distinta. A filosofia panteísta entende que Deus e o mundo são “aspectos iguais e paralelos da mesma e única realidade” (RAMACHANRA, 2000, p. 96). O panteísmo é a base do movimento Gaia ou Nova Era que atribui perpetuação e ordem da natureza por si mesma. Sobre o panteísmo, Grudem define:

Deus não é imutável, pois quando o universo muda, Deus também muda. Além disso, Deus já não é santo, pois o mal do universo também faz parte de Deus [...] A maioria dos sistemas panteístas (como o budismo e muitas outras religiões orientais) acabam negando a importância das personalidades humanas: como tudo é Deus, a meta da pessoa deve fundir-se ao universo e cada vez mais unir-se a ele, perdendo assim a sua individualidade. Assim, o panteísmo destrói a identidade pessoal de Deus [...] e dos seres humanos (GRUDEM, 1999, p. 204).

O animismo é a crença em seres espirituais e um conjunto de crenças pertinente a um “princípio superior (força vital, alma) que existe nos lugares e objetos” (AZEVEDO, 2002, p.

¹² Outra possibilidade é que os cientistas que veem uma inteligência no funcionamento do universo sejam panenteístas. O panenteísmo é uma espécie de meio-termo entre teísmo e panteísmo. No panenteísmo, o universo não é Deus, mas está em Deus. Ou Deus é a mente do universo, não equiparado a ele, mas também não separado dele. Essa cosmovisão tende a ser mantida só por pessoas muito intelectuais (SIRE, 2018; NASH, 2012).

35). É uma força vital em que as almas transmigram para locais e objetos – pedras, animais e árvores. Para os primitivos, a alma pode ser transportada por algum tempo, retornando depois à sua morada habitual. A feitiçaria e a magia se amparam no animismo. Dados estatísticos registram que mais de 100 milhões de pessoas se declaram animistas (AZEVEDO, 2002, p. 35). Cunha (2003, p. 53) exemplifica alguns tipos de animismo em nossa cultura:

A pobreza existe por causa dos demônios ou da ira dos deuses, que trazem secas, terremotos, enchentes etc. Se alguém está doente, a causa é sempre espiritual. Esse sistema acredita que o universo é um todo orgânico. O objetivo do ser humano é viver em paz e em harmonia com a natureza e com os deuses, apresentando sacrifícios e oferendas como forma de barganha com estes. O poder é mais importante que o caráter.

Deus é infinito, sustentador de toda a criação e cuida de tudo que criou e tem prazer em sustentá-la e cultivá-la (KELLER, 2014, p. 269). Esse Deus é também o Deus de amor (HIEBERT, 2016, p. 298); um Pai que ama e cuida da sua criação, controlando e desenvolvendo a história, chegando à plenitude é a restauração dessa criação (GOHEEN, 2017, p. 256-260). Isso refuta as cosmovisões animistas e panteístas. Pois há um ser pessoal que está separado da criação porque é infinito, mas ama, cuida e controla o espaço-tempo através da sua comunidade trinitária.

Nesse sentido, a infinitude e imanência de Deus revela que ele é soberano e que está soberanamente administrando a história cósmica; a personalidade de Deus revela que ele compartilha dessa missão com a humanidade e ela desempenha uma missão importante para com a criação em ações e atitudes que apontem para a redenção e restauração. Somos agentes de transformação e de redenção em todos os aspectos, principalmente no cuidado e administração da criação.

O Deus que falam os homens do AT, baseado nas próprias experiências, não é um poder frio e silencioso, no céu, que permanece autossuficiente, distribuindo graciosamente esmolas aos súditos. É bem ao contrário, [é um] Deus apaixonadamente envolvido com a criação, com os homens e com o futuro [...] sentimos sua presença no patético expresso em seu amor pela liberdade e no interesse apaixonado pela vida contra a morte. [...] foi por isso que Deus entrou na aliança com os homens, muito semelhante ao casamento, como relato o AT. [...] tornou-se vulnerável o amor. (MOLTMANN, 1978, p. 14)

Fora da religião encontrada na Bíblia, nenhum sistema religioso admitia a infinitude e a personalidade de um Deus. Os deuses das antigas mitologias possuíam atributos pessoais, mas

não eram infinitos - apresentavam características como fraquezas e frequentes falhas morais e rivalidades mesquinhas. Para exemplificar, podemos observar duas estrofes do poema *Teogonia: sobre a origem dos deuses*, de Hesíodo (750 a.C. - 650 a.C.) um poeta grego da Antiguidade. Nela, o autor conta a história dos principais deuses da mitologia grega. Nesse poema vemos os principais dramas, lutas, desentendimentos amorosos etc. Os deuses gregos eram pessoais, mas não infinitos

Os Deuses primordiais
 Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
 Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
 dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
 e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
 e Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
 solta-membros, dos Deuses todos e dos homens todos
 ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.
 [...] Quantos da Terra e do Céu nasceram,
 filhos os mais temíveis, detestava-os o pai
 dès o começo: tão logo cada um deles nascia
 a todos ocultava, à luz não os permitindo,
 na cova da Terra. Alegrava-se na maligna obra
 o Céu. Por dentro gemia a Terra prodigiosa
 atulhada, e urdiu dolosa e maligna arte. (HESÍODO, 1995, p. 91-92)

O deísmo, no entanto, retrata um Deus infinito, mas excessivamente afastado do mundo para envolver-se pessoalmente nele. O panteísmo sustenta que Deus é infinito (pois considera que todo o universo é Deus), mas tal Deus não poder ser pessoal nem se relacionar com as pessoas (GRUDEM, 1999, p.115).

A criação, segundo a cosmovisão teísta, foi desenvolvida numa dinâmica relacional. A partir dessas intenções de Deus, podemos compreender que o Deus infinito e pessoal estabeleceu uma tríade relacional para com os seres humanos: primeira, com Deus (teológica), entre si (sociológica) e a terra (mundo) - ecologia, mundo, política, trabalho etc. (STOTT, 2011a, p. 43). Na Queda (Gn 3), o pecado afetou essa tríade relacional. O ser humano ficou alienado de Deus (Gn3.8, 23), com as relações rompidas uns com os outros (Gn 3.12,16), a morte fez parte da criação (Gn 3.19) e a criação tornou-se amaldiçoada (Gn 3.17) ocasionando ações sobrecarregadas (Gn 3.16-19). No entanto, o plano de redenção e restauração é aplicado em todos esses relacionamento, pois a criação aguarda ser “libertada da escravidão da decadência em que se encontra” (Rm 8.18-23) e um dia haverá novos céus e nova terra (Is 65.17; 2Pe 3.13, Ap 21.1). Veremos adiante mais detalhes sobre o plano de redenção e restauração.

2.2 A humanidade como “imagem e semelhança” de Deus e as implicações na criação

A criação da humanidade como “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1.26-28) é o ponto central da narrativa de Gênesis. Ser “imagem e semelhança” de Deus significa que o homem possui a “capacidade de receber a responsabilidade de dominar sobre o restante da ordem criada” (WRIGHT, 1992, p. 72). Diferente de outras narrativas da criação que apresentam o ser humano como criaturas dos deuses para realizar o serviço “sujo” como escravo), o ser humano se relaciona com Deus, o Criador. Ser “imagem e semelhança” tem a ver com a função da humanidade que é semelhante à função de Deus para com a criação – a inteligência, a moralidade e a criatividade para dominar a criação com liberdade e responsabilidade (WRIGHT, 2012, p. 60-62; GOHEEN, 2017, p. 42-45).

O homem é a única parte da criação feita à imagem de Deus. Isso está associado a uma capacidade “qualitativamente única para estabelecer relacionamentos interpessoais (BLOMBERG, 2009, p. 34). Quanto ao relacionamento, Deus criou macho e fêmea, revelando que a criação sempre está em relação uns com os outros - o homem desempenha esse relacionamento com Deus e com o próximo. Não conseguimos ser humanos sozinhos, sempre estamos em uma variedade de relacionamentos. Os seres humanos são criados para Deus, para outros seres humanos e para o mundo.

Ser humano é ter relacionamento adequado com Deus, com os outros e com a criação. O pecado desfigurou esses relacionamentos. Mas em Cristo, que é ser humano perfeito, cada um desses relacionamentos são restaurados, à medida que progredimos para sermos à imagem de Cristo (Ef 5.1). Quanto mais nos parecemos com Cristo, mais humanos nos tornamos. A vida cristã não consiste em atingir poder espiritual, etéreo e angelical. A vida cristã é uma verdade que busca a recuperação do que é ser humano. (WRIGHT, 2012, p. 61)

O Novo Testamento afirma que todas as pessoas nasceram à imagem de Deus (Tg 3.9) e que a redenção tem a ver com a renovação desta imagem na pessoa (CL 3.10; Ef 4.24). “Um requisito crucial para a *imago Dei* também envolve nossa capacidade de um relacionamento com que Deus que não é compartilhado por nenhuma outra forma de vida” (BLOMBERG, 2009, p. 35).

Ser cristão é recuperar a verdadeira intencionalidade de Deus para o homem, que é ser humano. Ser humano é se importar e vivenciar o relacionamento com Deus, com os outros e com a terra. Ser a “imagem e semelhança” de Deus é viver em termos funcionais para com o trato na criação administrando e agindo em mordomia.

2.3 Mordomia e mandato cultural

Devemos considerar o domínio da natureza em termos de mordomia e responsabilidade, e não atuar sobre ela como se não fosse nada em si mesma, considerando-a e submetendo-a a anarquia e capricho (SCHAEFFER, 1976, p. 79).

Com base na obra de Cristo, os cristãos deveriam ser capazes de mostrar individualmente e comunitariamente, que a perspectiva bíblica da criação sobre a “imagem de Deus” em termos funcionais pode produzir transformações e recuperações socioecológicas que o mundo humanista tentou produzir, mas sem eficácia. Schaeffer, ao analisar a herança da crise ecológica e humanitária advinda da Revolução Industrial no século XVIII e XIX, instiga uma questão; “se a igreja tivesse falado contra esses abusos? [...] quando a igreja coloca a fé em prática, no homem e na natureza, há uma cura e uma recuperação substancial em todo os aspectos” (SCHAEFFER, 1976, p. 80-81).

Afirmações bíblicas como “ao Senhor pertence a terra” e “a terra deu-a ele [Deus] aos filhos do homem” são complementares e não contraditórias. A terra, como parte da criação, pertence a Deus e nós como seres humanos criados à “sua imagem” fomos delegados por Deus para cuidar com responsabilidade da terra (STOTT, 2019, p. 45). Essa cosmovisão bíblica da criação evita dois extremos ou duas visões erradas em relação à natureza: deificação e degradação.

Na narrativa de Gênesis, Deus é o Senhor e proprietário de toda a criação. Qualquer ação de reivindicação humana na posse econômica é subordinada ao direito divino, ou seja, o homem não tem direito absoluto sobre a terra, apenas é um administrador. (WRIGHT, 1992, p. 71-72)

O mandato cultural permite não apenas a conservação da natureza, mas o desenvolvimento e transformação de recursos para o bem comum (STOTT, 2019, p. 46). Todo o trabalho e desenvolvimento cultural é uma expressão de adoração, pois esse trabalho reflete o amor pelo Criador.

Cultura é o modo em que cada grupo humano se relaciona entre e si e o meio ambiente. Ela possui elementos que desafiam e oportunizam a vivência em determinado ambiente. Alimento, vestimentas, abrigos etc., são elementos externos que definem a maneira de viver cultura. A agricultura, por exemplo, é a manifestação mais antiga de cultura, que além de coletar

o que está na natureza, procura cultivar a terra e transformar o ambiente para a produção de alimentos (GONZÁLEZ, 2011, p. 37 e 38).

Além do homem se relacionar com o ambiente, o elemento social é preponderante na formação de uma cultura, chamada de dimensão interna, onde a comunicação entre um grupo humano se dá por signos e significados (GONZÁLEZ, 2011, p. 40). Esse elemento interno revela a relação entre indivíduos por meio de gestos e símbolos, ao qual chamamos de idioma.

A cultura faz parte do plano de Deus na criação do ser humano. Cultivo e culto são elementos evidentes na narrativa de Gênesis. Desde os primórdios a humanidade recebe de Deus uma comissão – cultivar o jardim e ser senhora sobre o restante da criação. Esse domínio deve ocorrer conforme à imagem de semelhança de Deus onde a criatividade e os esforços humanos em governar o meio ambiente faz parte da boa criação de Deus (GONZÁLEZ, 2011, p. 51).

É incorreto afirmar que a cultura como agricultura, trabalho, transformações de minérios são uma maldição ou castigo de Deus. Mais grave ainda é entender que o primitivismo de Adão e Eva como modelo estático é ideal para a criação. A visão de que o jardim do Éden era o propósito final da criação está profundamente arraigada em tradição teológica que tem dominado a teologia ocidental (GONZÁLEZ, 2011, p. 52).

Em contraposição a visão negativa da criação, Gênesis 1.26 revela o mandato cultural, onde Deus nos ordena a usar todos os tipos de atividade cultural a serviço dele. Isso mostra que há um elemento dinâmico na expressão “imagem de Deus”, onde é refletida em sua criação conforme a nossa ocupação na criação, onde podemos desenvolver o potencial não revelado na agricultura, na arte, na música, no comércio, na política, no estudo acadêmico, na vida familiar, na igreja, no lazer etc. Todas essas atividades devem honrar a Deus (GOHEEN, 2017, p. 46). Através do “haja de Deus”, desempenhamos nas ordens criativas dele e espalhamos o perfume de sua presença em todo o mundo que ele criou. Porém, enfatizamos demasiadamente o trabalho de conservação e transformação do ambiente, como um fim último da criação. Veremos, a seguir, a importância teológica e prática do dia de descanso.

2.4 Sobre o dia do descanso (sábado)

É necessário destacar o dia do descanso não como uma proposta doutrinária ou meio de graça, mas para entendermos o dia do descanso em termos da Teologia da Criação. O intuito

dessa seção é apresentar alguns apontamentos sobre o dia do descanso na narrativa da criação e quais das implicações na prática ecológica.

O clímax de Gênesis 1 não é a criação dos seres humanos como trabalhadores, mas a instituição do sábado para os seres humanos como adoradores. [...] O objetivo final não é sujeitar a terra, mas deixar o trabalho de lado no sábado. (SCHAEFFER, 1976, p. 47)

Em Gênesis 2.3, Deus descansou no sétimo dia. O sábado nos ajuda a compreender um conceito importante sobre a criação. Deus não descansa do trabalho e da fadiga, mas em contentamento pela realização completada onde não fica inativo, pois ele é sustentador e cuidador da criação. Observar o sábado não implica em uma ordem religiosa ou dogmática. Significa que toda a ordem criada reconheça que veio de Deus e pertence a ele para sempre. Esse reconhecimento não está atrelado somente ao ser humano, mas aos animais e à própria terra” (VAN DYCK *et al.*, 1999, p. 86 e 87).

O sábado direciona a importância do trabalho em um caminho correto. Ele nos impede de agir exaustivamente, como o objetivo final de nossa existência. Nossa humanidade não se encontra no trabalho e transformação de cultura, mas no descanso de Deus, a quem devemos adorar. “Deus deseja que nosso trabalho seja uma expressão de adoração e que o cuidado com a criação reflita o amor pelo Criador” (SCHAEFFER, 1976, p. 47). Perdemos a ideia da intencionalidade de Deus em promulgar um dia de descanso. Van Dyck *et al.* (1999, p. 87) cita David Ehrenfeld, um professor de ecologia que explica sobre a observância do sábado:

Ehrenfeld salienta que um judeu atento observa o sábado como algo além do descanso, oração e abstenção de trabalho comum. Três outros aspectos são cuidadosamente seguidos: não criar nada, não destruir nada e apreciar a generosidade da terra. Cuidar para que nada seja criado [desenvolvido], nos lembra que Deus é o supremo criador. Cuidar para que nada seja destruído nos lembra que o mundo é criação de Deus, e não é nosso direito arruiná-lo. Apreciar a generosidade da terra nos lembra que Deus, não a invenção humana, é a origem dessa generosidade.

O trabalho é um aspecto do culto a Deus, mas não é tudo. O lazer faz parte da ordem dada por Deus a nós, tanto quanto o trabalho. Essa foi a base para a lei no sábado em Israel. O sábado foi criado com a intenção de colocar o trabalho humano no seu devido lugar: cultivar a Deus (RAMACHANDRA, 2000, p. 97). O princípio do dia do descanso se aplica ao cuidado da terra e da criação. Além da abstenção do trabalho (cultivar), é necessário cultivar o supremo criador e como consequência desse culto, observamos mais atentamente o mundo como criação

de Deus em sua bondade, generosidade e provisão. O mesmo princípio se aplica às observâncias no AT quanto ao ano sabático. O ano sabático servia como descanso para a terra (Lv 25.2); acontecia a cada sete anos (Êx 23.11; Lv 25.4); era a interrupção de todo o trabalho do campo (Lv 25.4-5) e os frutos da terra eram propriedade comum (Êx 23.11; Lv 25.6-7). Vale salientar que o principal motivo dos setenta anos de cativeiro que o povo de Israel passou, foi a não observância do ano sabático (2Cr 36.20-21) e que foi restaurado, após o retorno do exílio (Ne 10.31).

2.5 A bondade da criação

Segundo Wright (2014, p. 413-414) um dos pontos enfáticos de Gn 1—2 é mostrar o selo da criação como “muito boa”. Deus declara seis vezes esses termos, afirmando que toda a criação foi um sucesso. Vale lembrar que a criação em Gênesis, em contraste com as narrativas do Antigo Oriente Próximo, não é um lugar de servidão e escravidão em que os deuses colocam os homens para fazer o serviço “sujo” de lavrar a terra e viver numa servidão espiritual.

A criação apresenta a bondade de Deus e dá testemunho dele que a fez e refletindo algo da sua bondade (Sl 19; 29; 50.6; 65; 104; 148; Jó 12.7-9; At 14.17; 17.27; Rm 1.20). Quem degrada ou destrói a terra deliberadamente estraga o reflexo do Criador – “porque a terra é parte da criação e traz consigo a marca da bondade do próprio Deus” (WRIGHT, 2014, p. 414). A maneira como tratamos a Terra reflete a nossa atitude e reverência para com o Criador da Terra.

A criação é intrinsecamente boa e quem afirma isso não é Adão e Eva, mas o próprio Deus. A bondade da criação não quer dizer que se refere à somente uma reação estética de um belo e lindo pôr-do-sol. A “afirmação da bondade da criação é o selo da aprovação divina em relação ao universo inteiro” (WRIGHT, 2014, p. 414). Por isso, as Escrituras revelam de forma minuciosa e cuidadosa esse selo divino sobre ela, evitando a presunção, arrogância e egoísmo do ser humano de que o planeta existe apenas para dominar, degradar e explorar (WRIGHT, 2014, p. 414)

2.5.1 A santidade (mas não a divindade) da criação

A criação não é uma divindade. Não há espaço para o politeísmo e adoração à natureza. Toda essa cosmovisão politeísta e animista dominava o contexto histórico-cultural e religioso dos povos circunvizinhos de Israel, no Antigo Oriente Próximo. Para Wright (2014, p. 416) toda a realidade no mundo natural (forças, fenômenos ou objetos) “não tinham nenhuma

existência inerentemente divina [...] qualquer poder que tivessem, por grande que fosse, era inteiramente obra de Javé e estava sobre seu comando” (WRIGHT, 2014, p. 416).

Essa cosmovisão monoteísta e contracultural serve de modelo para as implicações missionais, pois o Evangelho continua confrontando e refutando todas as tradições religiosas que divinizam e endeusam a natureza, “sejam estas certas formas primevas de religião, o hinduísmo popular, seja a apropriação tanto deste quanto daquelas por parte da Nova Era” (WRIGHT, 2014, p. 417).

Diante das pressuposições ecológicas e missiológicas, que desafio a afirmação de que “a Terra pertence a Deus”, molda nossa cosmovisão? Para Wright (2014, p. 419) “a Terra não é neutra: não é algo que possamos transformar em produto e comercializar, usar e abusar para os nossos fins [...] se amamos a Deus, tratamos [a terra] com honra, cuidado e respeito”.

2.5.2 A criação como a missão de Deus e a nossa missão

Muitas vezes nos referimos à criação em termos da narrativa de Gênesis e seus primeiros capítulos, porém é apenas o começo de todo o drama sobre ela que percorre toda a Escritura. Para Wright (2014, p. 423), a nossa ética e missão ecológicas não se fundamentam apenas na questão criacional (olhar para o passado), mas também se fundamentam na visão escatológica (olhar para o futuro). “É impossível dirigir um carro olhando apenas para o espelho retrovisor (WRIGHT, 2014, p. 423).

Em Mt 28.18 Jesus declara que “toda a autoridade me foi concedida no céu e na terra”. Essa afirmação revela que o Jesus ressurreto reivindica a mesma posse e soberania sobre toda a criação que o AT atribuiu a Javé. A terra toda pertence a Jesus “ela lhe pertence por direito de criação, por direito de redenção e por direito de herança futura” (Cl 1.15-20) (WRIGHT, 2014, p. 420). Nós agimos em nome de Jesus. Nós agimos sob a autoridade dele em todos os aspectos da criação e nos relacionamentos no nível teológico, sociológico e ecológico.

Isso quer dizer que a criação não possui apenas um fundo histórico de um passado distante no Antigo Oriente Próximo. Ela nos inspira a olhar para frente, nos engajando na missão de Deus: restauração e redenção não só do homem, mas de toda a criação, de todo o cosmo. Mateus 19.18 apresenta a regeneração da criação inteira no futuro, com a vinda do Filho do Homem e do reino de glória. Sobre a regeneração do ser humano, Moltmann (1978, p. 21) explica:

A regeneração do ser humano acontece desde agora “no Espírito Santo”. Os que nascem de novo já se tornam herdeiros da vida eterna “na esperança”. [...] a expectativa universal e cósmica da regeneração da terra, segundo Mt 19.28 já é experimentada agora pelos fiéis, na vida no Espírito, segundo Tt 3.5.

Em Romanos 8.19-23 o apóstolo Paulo afirma que a natureza será redimida quando os nossos corpos humanos forem levantados. O sangue do Cordeiro remirá tanto o homem como a natureza. Essa redenção promove um desenvolvimento progressivo de santificação - o homem “com a ajuda de Deus e no poder do Espírito Santo [...] [trata] a natureza no momento presente da forma que então será tratada futuramente” (SCHAEFFER, 1976, p. 75). De forma clara, o cristão redimido e justificado vive em uma santificação progressiva demonstrando para com a criação uma visão de mordomia, refletindo a “imagem de Deus”. A maneira como nos portamos eticamente em termos ecológicos ecoa nosso caráter redimido ou não (SCHAEFFER, 1976, p. 77).

A nova criação, segundo WRIGHT (2014, p. 425), será “um lugar que será jubiloso, sem aflição e lágrimas, com plenitude de vida, trabalho gratificante, livre das maldições do labor frustrado e com um meio ambiente harmonioso”. Diversos textos apresentam a uma visão escatológica da criação (cf. Rm 8.18-21; 2Pe 3.10-13, Ap 21.1-4).

Mas em 2Pe 3.10-13 não diz que a terra não será destruída pelo fogo? A questão sobre a destruição pelo fogo é muitas vezes interpretada erroneamente. O texto bíblico diz que “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, queimando, se dissolverão, e a terra e as obras que nela há serão descobertas”. Wright (2014, p. 425) explica: “que a Terra, com tudo o que nela há, será ‘descoberta’, isto é, exposta e desnudada diante do juízo de Deus, de modo que os maus e todas as suas obras não poderão mais se esconder ou encontrar qualquer proteção onde quer que seja”.

O propósito da conflagração ou “destruição pelo fogo” não é a aniquilação¹³ do cosmo, mas uma purificação da ordem criada na qual vivemos, por meio da destruição de tudo aquilo que direciona a criação para o mal, estabelecendo assim uma nova criação. No AT o mundo de maldade foi eliminado pelo Dilúvio. Por analogia, o mundo de maldade de iniquidade “será eliminado no juízo cataclísmico de Deus, mas a criação em si será restaurada, para se tornar o lugar de habitação de Deus com a humanidade redimida” (WRIGHT, 2014, p. 426).

¹³ Keener (2017, p. 831) comenta: “[...] o sentido que Pedro está referindo aqui é que tudo será destruído. A ideia de destruição ou renovação purificadora de céus e terra também era comum na tradição apocalíptica”.

Essa esperança escatológica em relação à Terra, torna-se uma base essencial para ética ecológica. Há um impulso duplo – criacional-escatológico para com a Terra. As “literaturas apocalípticas e proféticas na Bíblia não só predizem o futuro, mas também encorajam e fomentam mudança e realização moral no presente” (WRIGHT, 2014, p. 426). Moltmann, em sua *Teologia da Esperança* (2005) observa que a esperança escatológica

se torna a força impulsionadora da história [presente e futuro] para a criação das utopias do amor ao ser humano sofredor e seu mundo malgrado, ao encontro do futuro desconhecido, mas prometido de Deus. Nesse sentido, a escatologia cristã se pode abrir ao “princípio esperança”, e receber ao mesmo tempo desse princípio o impulso para a projeção de um perfil próprio e mais perfeito. (MOLTMANN, 2005, p. 453)

As visões bíblicas de redenção oferecem esperança para os dilemas físicos-ecológicos. A restauração da harmonia ecológica está na agenda de Deus, dentro das possibilidades da história de uma humanidade redimida, potencializando o empenho social e moral que responde à crise ecológica que as sociedades humanas, que buscam reverenciar a Deus e refletir sua justiça, também produzirão os frutos da justiça e da equidade na ordem moral humana, bem como da harmonia no mundo natural” (WRIGHT, 2014, p. 427).

2.5.3 O cuidado da criação e a missão cristã: alguns apontamentos

Wright (2014, p. 429) observa que muitos cristãos se importam com as questões ecológicas e responsabilidades ambientais, no entanto o número decresce quando se trata daqueles que incluem o cuidado da criação no conceito bíblico de missão. Menor ainda é o número dos que entendem a questão ecológica e ambiental como um chamado ou vocação pessoal. Essa desconsideração sobre as questões ambientais são uma herança das más interpretações bíblicas sobre a criação com base no dualismo que separa o natural/sobrenatural.

Diversos fatores tem contribuído para a crise ambiental atual: poluição do ar, do mar, dos rios, dos lagos e dos grandes aquíferos; destruição de florestas tropicais e de muitos outros habitats, com efeitos terríveis sobre as formas de vida que dependem deles; desertificação e a perda do solo; desaparecimento de espécies e redução da biodiversidade essencial em um planeta que dela depende; caça de algumas espécies até a sua extinção; destruição da camada e ozônio e o aumento de gases causadores do efeito estufa e o conseqüente aquecimento global (WRIGHT, 2014, p. 430).

Cuidar da criação significa expressar, em ação, o amor e a obediência a Deus. Jesus Cristo é senhor de toda a criação e a razão da criação (Jo 1.3). Quando cuidamos bem da terra, estamos cumprindo o chamado de Deus de amá-lo, manifestando esse amor para com ela. “É inexplicável o fato de haver alguns cristãos que dizem amar e adorar a Deus e ser discípulos de Jesus, mas que não se importam nem um pouco com a Terra, que tem o selo da posse de Deus” (WRIGHT, 2014, p. 431).

Muitos cristãos não se importam com os abusos contra a o meio-ambiente, pois vivem um estilo de vida compatível ao desperdício e consumo, contribuindo assim com tais abusos. Ser cristão é ser humano e essa implicação, na ótica da Bíblia, significa viver uma dupla obrigação: amar e obedecer a Deus cuidando ativamente da criação como expressão desse amor e dessa obediência (WRIGHT, 2014, p. 432). Em uma perspectiva criacional-escatológica, cuidar da criação e agir ecologicamente de forma ética, constitui uma dimensão da nossa missão. “Precisamos agir da maneira que Deus tinha em mente quando nos criou e da maneira que ele tem em mente para quando formos plenamente redimidos” (WRIGHT, 2014, p, 434).

O cuidado com a criação agrega também a justiça social. Quando cuidamos do meio ambiente, buscamos uma forma de “defender os fracos dos fortes, os indefesos dos poderosos, os violentados dos agressores, os sem voz da estridência dos gananciosos” (WRIGHT, 2014, p. 436). Essa concepção é evidente em Sl 145 – “esse salmo situa o cuidado de Deus pela criação num paralelo exato com os seus atos de justiça libertadora e vindicadora pelo seu povo – harmoniosamente reunindo, assim, as tradições criacional e redentora do AT” (WRIGHT, 2014, p. 436).

A ação ambiental verdadeiramente cristã também é, na verdade, evangelisticamente frutífera, não porque seja algum tipo de disfarce para a “missão real”, mas simplesmente porque declara, em palavras e atos, o amor ilimitado do Criador por toda a criação e porque não esconde a história bíblica de que o Senhor é amoroso para com tudo o que ele criou, e que esse mesmo Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho unigênito, não para que os cristãos não pereçam, mas para que, no fim, todas as coisas nos céus e na Terra sejam reconciliadas por meio do sangue da cruz [...] porque, afinal, Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo. (WRIGHT, 2014, p. 437)

A história bíblica não encoraja de forma alguma a viver separado do mundo. O mundo concreto e material foi criado como o próprio palco do teatro da glória de Deus e seu reino (GOHEEN, 2017, p. 46). Ao analisarmos os capítulos iniciais de Gênesis, percebemos que o narrador apresentou uma visão positiva em relação ao mundo. A palavra “bom” é uma

afirmação de que toda a criação procede de Deus, e ele como o criador declara que tudo o que foi criado era “bom” (GOHEEN, 2017, p. 47).

Como o ser humano deve se portar com o uso da terra? “Do Senhor é a terra” (Sl 24.1,2) e a “terra [Deus] confiou ao homem” (Sl 115.16) são textos que nos mostram algumas considerações importantes sobre o uso da terra. Não devemos deificar a natureza em termos panteístas e animistas, muito menos explorá-la exaustivamente (STOTT, 2011). A Bíblia não dá base alguma sobre a exploração desenfreada e desrespeitosa para com a terra. Adão possuía uma tarefa dupla de cuidar e preservar o jardim, onde a intenção do mandato cultural é bem distinta da visão pós-moderna da conquista humana e exploração da natureza. A terra, nas Escrituras, não é vista como algo externo, mas em termos de relacionamento pactual e administrativo de mordomia do ser humano (WALSH e MIDDLETON, 2010, p. 53).

À humanidade foi dada a missão de governar a terra e cultivá-la, onde o desejo do Criador é que o trabalho na terra seja uma expressão de adoração e que o cuidado com a criação reflita o amor pelo Criador (STOTT, 2011, p. 46 e 47). Como demonstramos cuidado com a criação? Usando menos energia, desligando aparelhos que não estão em uso da tomada, produzindo menos lixo separando-o, racionando o uso da água, evitando o desperdício de qualquer natureza, poluindo menos etc., são demonstrações de responsabilidade, administração e mordomia (STOTT, 2011).

CONSIDERAÇÕES

Mudança de comportamento não é solução máxima para a questão ambiental. Podemos economizar água, separar e reciclar o lixo e mesmo assim não conseguiremos ter uma visão do propósito último da criação. Precisamos mudar nosso sistema de crenças, mas ainda assim não chegaremos a uma visão holística da criação. Precisamos transformar nossa cosmovisão, mas para qual cosmovisão? Se compreendermos dentro do teísmo bíblico e respondermos às perguntas de cosmovisão com base na teologia bíblica, começaremos compreender o cerne de toda a criação e desta forma seremos desafiados a agir de forma efetiva. A presente pesquisa mostra que há um problema hermenêutico quanto à teologia da criação. Esse problema, por sua vez, é histórico e atravessa séculos, afetando a verdadeira cosmovisão da criação.

Viver a missão integral é ter um olhar tridimensional: teológico, social e ecológico/econômico/cultural. Em nossa prática missionária enfatizamos apenas o ser humano para que receba a salvação da alma. Vemos a criação de Deus como algo superficial, transitório. Quando

enfaticamente a esfera espiritual em detrimento da física, compactuamos com cosmovisões panteístas e animistas ou de espectro gnóstico.

A terra e toda a sua plenitude é o palco da missão de Deus. Cabe a nós participarmos do grande drama da missão dele nesse palco. Esse palco é um ensaio para o grande dia que, de fato, toda a criação será restaurada e redimida. Repetindo a epígrafe dessa pesquisa, “a natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados” (Rm 8.19). Que sejamos a esperança e a satisfação das expectativas da criação.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário histórico das religiões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BLANK, Renold. **Doutrina de Deus, doutrina da criação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- BLOMBERG, Craig L. **Nem pobreza, nem riqueza**: as posses segundo a teologia bíblica. Curitiba: Esperança, 2009.
- CUNHA, Mauricio J.S. Cunha; WOOD Beth A. **O reino entre nós**: transformação de comunidades pelo evangelho integral. Viçosa: Ultimato, 2003.
- FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- GOHEEN, Michael. **O drama das escrituras**: encontrando nosso lugar na história bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011.
- GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um mistério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- McGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- MOLTMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

_____. **Teologia da esperança.** São Paulo: Editora Teológica e Edições Loyola, 2005.

NASH, Ronald. **Cosmovisões em conflito:** escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília: Monergismo, 2012. *E-book*.

OLIVEIRA, Paulo José F. **Sinfonia para a vida.** São Paulo: ABU, 1994.

RAMACHANDRA, Vinoth. **A falência dos deuses:** a idolatria moderna e a missão cristã. São Paulo: ABU, 2000.

SCHAEFFER, Francis A. **Poluição e morte do homem:** uma perspectiva cristã da ecologia. Rio de Janeiro: JUERP, 1976.

SIRE, James W. **O universo ao lado:** um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2018. *E-book*.

STOTT, John. **O discípulo radical.** Viçosa: Ultimato, 2011.

_____. **O cristão em uma sociedade não cristã:** como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

VAN DYKE, Fred *et al.* **A criação redimida:** a base bíblica para a mordomia ecológica. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

WRIGHT, Christopher J. **Povo, terra e Deus:** a relevância da ética do Antigo Testamento para a sociedade de hoje. São Paulo: ABU, 1992.

_____. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. **A missão de Deus:** desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WALTON, John H. **O Antigo Testamento em quadros.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005. *E-book*.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem.** São Paulo: Paulus, 2011.